

ENTREVISTA COM A TRADUTORA E INTÉRPRETE ANNE MAGALHÃES

DOI: 10.47677/gluks.v23i2.408

Recebido: 29/08/23

Aprovado: 16/10/2023

GOMES, Bianca Sena ¹
RODRIGUES, Lael Machado ²
SANTOS, Natália Gonçalves de Souza ³

Introdução

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é promovida em todo o território nacional do Brasil por meio de diversos dispositivos legais, destacando-se entre os mais proeminentes as Leis 10.436/2002 e 14.191/2021, acompanhadas pelo Decreto 5.626/2005, que regulamenta a Lei da Libras mencionada anteriormente (10.436/2002). Essas legislações não apenas conferem valor à comunidade surda, mas também atestam a existência desse grupo por meio da produção e compreensão de língua visual-espacial, com objetivo de fornecer não somente acessibilidade como também prazeres artísticos para esse povo.

As acessibilidades artísticas podem ser viabilizadas por meio da utilização de intérpretes de Libras. Conforme estipulado pela Lei 12.319/2010, esses profissionais são habilitados para realizar traduções e interpretações tanto da Libras para o português quanto vice-versa. Entretanto, para questões específicas como música, artes, teatro, entre outros, é aconselhável buscar especializações, visto que envolve um profundo movimento de interpretação e tradução cultural entre ambas as línguas. Nesse contexto, convidou-se a profissional Anne Magalhães para abordar esse tema em uma entrevista nesta edição, considerando que a revista busca manter

1 Professora de Libras no Departamento de Letras da UFV. Doutora em Linguística pela UFSC. Email: bianca.gomes@ufv.br

2 Mestrando em Linguística Aplicada no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFV. Graduado em Letras Português/Literaturas pela UFV. Email: lael.rodrigues@ufv.br

3 Professora de literatura no Departamento de Letras da UFV. Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP. Email: natalia.g.santos@ufv.br

sua objetividade ao valorizar a rica diversidade cultural presente no Brasil, incluindo os surdos como uma das minorias linguísticas.

A autora é uma artista, intérprete de Libras e produtora cultural voltada para a acessibilidade, contando com uma base de mais de oitenta e nove mil seguidores em sua rede social. Seu trabalho abrange a promoção da cultura e identidade surda. Através desta entrevista, buscamos compreender a natureza desse trabalho, sua relevância tanto para a comunidade surda quanto para o aprimoramento da sua função como tradutora intérprete. Além disso, nosso objetivo é desvelar a abrangência da acessibilidade que essa atividade proporciona.

Esta entrevista pode ser visualizada, com tradução para Libras, no seguinte link: <https://youtu.be/6fw33H9ZRM8?si=dG9nx6DZAdNiEp8x>

Entrevista

1. Anne, em entrevista recente a um programa de TV, você disse que a Libras entrou em sua vida quando tinha 16 anos. Poderia nos contar um pouco sobre esse encontro com a Libras e sobre sua formação na área?

Sim, eu tive a felicidade de encontrar a Língua de Sinais bem novinha, entre 15 e 16 anos. Foi o meu primeiro trabalho, então eu trabalhava como recriacionista e assistente de professores em uma escola para crianças e adolescentes surdos, que é uma escola aqui de São Paulo, Instituto Seli⁴. Então eu tive a felicidade de aprender a fluidez da Língua de Sinais antes de aprender no conhecimento, num ponto de vista mais profundo, técnico, gramatical. Então eu sempre falo que é muito importante, quando a gente se propõe a aprender uma língua, ter esse encontro da vivência, da experiência, isso foi algo que fez muita diferença para mim. Trabalhei nessa escola por volta de cinco anos, entre idas e vindas, eu tenho experiência com a Libras, já faz mais ou menos quinze anos, mas a minha formação é Artes Visuais. Por isso, eu gosto muito da fruição da comunicação visual em geral; então sou muito curiosa pela cultura visual, tanto na

4 De acordo com o site do Instituto Seli, a “missão” da organização é “formar e educar cidadãos surdos competentes, participativos e conscientes de seu papel na sociedade em geral e na comunidade de surdos, podendo expressar livremente as suas individualidades em qualquer tempo e lugar.”; a “visão” se baseia em “uma sociedade compreensiva, inclusiva e equalitária.” e, por fim, os “valores” são ações que “possuem o propósito de divulgar a cultura e a identidade surda por meio de uma educação efetiva disponibilizando ferramentas que possibilitem a inclusão e o empoderamento das pessoas surdas na sociedade.”

comunidade surda, quanto em outros meios de expressão visual. Essas pesquisas me compõem bastante.

2. E em uma busca rápida pelas plataformas de vídeo, como o YouTube, por exemplo, nós podemos encontrar diversas traduções de música em Libras. A que você atribui a grande quantidade desses vídeos? Você observa diferenças ou semelhanças entre o trabalho que você faz e o de outros intérpretes, que também trabalham com esse mesmo tipo de material?

É importante dizer que a pesquisa da interpretação de músicas nas línguas de sinais são pesquisas muito coletivas, são de toda a comunidade surda, das comunidades surdas, e é muito antiga também. A gente consegue achar vídeos de vinte anos atrás, quinze anos atrás já iniciando essa pesquisa. Às vezes a gente fala, algumas pessoas ainda têm essa dúvida, “de que a música é cultura ouvinte, é cultura para as pessoas que ouvem”, mas eu acho que essa pesquisa é tão comum, porque a música passa pelo nosso corpo, ela não passa só pelo nosso ouvido. Quando a gente está pensando numa interpretação da língua de sinais, a gente está pensando em dança, em ritmo... A filosofia africana, por exemplo, tem alguns escritores que falam que a música não é algo que passa pelo nosso ouvido, ela passa pelo nosso corpo todo; a vibração da música bate no nosso corpo. Assim, reduzir a música apenas à cultura do ouvinte, à cultura do ouvido, é algo muito pequeno, visto que nós temos, por exemplo, a dança e tantas outras pesquisas profundas sobre dança. Dessa forma, têm vários intérpretes, tradutores, ouvintes e surdos, que vêm pesquisando cada vez mais essa relação, da dança com as línguas do corpo e linguagens de expressão corporal que podem estar envolvidas com isso, podem ser aprofundadas a partir disso. Eu acredito que a diferença de um tradutor e intérprete que tenha essa experiência na área artística e cultural, para um intérprete/tradutor que não tem esse conhecimento da área cultural, é justamente essa transversalidade dos conhecimentos. Não apenas estudar a tradução e interpretação de maneira técnica, do ponto de vista da língua, mas também trazer outros interesses, seja do Teatro, da Comunicação e linguagens performáticas, da Dança, das Artes Visuais em geral. Essa é a grande diferença: é trazer para além daquilo que a gente percebe quando há uma música, mas conseguir se aprofundar nas camadas que uma música pode ter, quantos aos ritmos, que história ela conta, como ela passa pelo nosso corpo, como a gente se sente quando está diante dessa música. Essa curiosidade que os intérpretes/tradutores da área

cultural têm enriquecem bastante o trabalho e fazem com que esse material se torne mais interessante para as pessoas surdas.

3. Como você organiza seu trabalho em relação a tempo e estúdio? Como é o processo tradutório no desenvolver do seu trabalho?

O trabalho de tradução sempre exige um estudo longo por trás. Quanto mais o intérprete tem tempo de se relacionar com a obra, de fazer uma pesquisa, com relação ao artista, uma pesquisa de vocabulário também é importante, de como fazer todas essas relações de que a obra propõe e como a gente pode atravessar esse caminho; têm algumas pesquisas que eu acho muito interessantes, tanto dentro da língua de sinais quanto em outras línguas, outras linguagens também, por exemplo, a pesquisa da transcrição, que o Haroldo de Campo fala bastante sobre a transcrição e a possibilidade de criar obras paralelas à obra original; se arriscar mesmo e não se ater apenas nas relações técnicas ou enxergar o máximo possível literal daquela tradução. Têm pessoas que falam que toda tradução é uma traição, que a gente está sempre tentando alcançar, mas as línguas nunca serão um espelho umas das outras. A gente pode encontrar equivalências, a gente pode encontrar simetria, mas é óbvio que têm coisas na obra que são essenciais a ela e não podemos fugir muito disso; mas eu também gosto muito de pensar nessa transcrição mesmo, na possibilidade de uma obra paralela, uma obra complementar, e uma obra que converse com a cultura da língua para a qual ela está sendo traduzida, no caso, a língua de sinais e a Comunidade Surda. Se essa língua, música ou obra brinca com gírias no português, como eu posso encontrar gírias em Libras que façam sentido e que conversem com a narrativa; às vezes eu posso perder em sinais, mas posso ganhar em corpo; qual é o tom que esse artista colocou? É um tom de manifesto? Como eu vou colocar esse manifesto no corpo? Cresceu o corpo? Diminuiu o corpo? Vai fazer diferença na mensagem; o ritmo, a repetição de sinais pode fazer diferença em como essa mensagem vai chegar. São várias tentativas, por isso é interessante pesquisar dentro e fora da língua de sinais, e claro, estar sempre em contato com amigos e parceiros que veem essas pesquisas, que trabalham na área, para conseguirmos nos ajudar. Uma das coisas que é muito importante, principalmente quando fazemos trabalhos... tem a minha pesquisa pessoal, que deixo as coisas fluírem mais, mas quando vamos fazer o trabalho na área, por exemplo, em shows, a interpretação de um clipe, é essencial ter junto um consultor surdo, que também seja artista e produtor da área cultural, porque essa conversa, esse diálogo, vai

engrandecer o trabalho. Esse entrelaçado; gosto de falar da transversalidade, da interseccionalidade.

4. Em relação ao tempo: quanto tempo você se dedica para fazer a tradução de uma música? Eu sei que depende da música, mas no geral, há um tempo para termos uma ideia?

É muito difícil, mas eu passo muito tempo com as músicas, muito tempo mesmo. Eu gosto de, por exemplo, têm muitas músicas que eu escolho a partir da língua de sinais, da música em si. Eu penso: “Ah, essa música tem rimas na língua de sinais! É muito fácil fazer rima nessa música”; eu vou a partir da língua de sinais. Eu observo qual música pode se tornar interessante no corpo e na língua de sinais. Então, fazer o caminho inverso pode funcionar. São processos demorados. Quando eu posso, eu fico um mês com a música, dois meses com a música. Escutando repetidamente, ouço, leio a letra da música, pesquiso entrevistas desse artista para ver se há alguma entrevista que ele fale dessa música, converso com amigos surdos sobre a história dessa música, o que é interessante, o que ele pode me apontar de diferente que eu não vi. Quando eu posso, fico um tempão com a música, mas no trabalho, por exemplo, eu, geralmente, peço pelo menos duas semanas para conseguir fazer uma pesquisa mais aprofundada, ter tempo de ensaiar, de ir colocando camadas mesmo.

5. Você falou um pouco da equipe. Você possui uma equipe de pessoas surdas para colaborar com você?

Sim. Tem uma coisa que eu falo muito, inclusive para as pessoas que fazem curso com a gente: “Tenha a sua pesquisa pessoal, particular”, porque a afetividade é muito importante. Quando eu escolho uma música ou uma poesia para as redes sociais, é algo que conversa muito comigo, conversa pessoalmente comigo. Isso me faz criar outras soluções que vem a partir do afeto, que vem a partir da emoção. Esse processo é importante para irmos conhecendo nosso trabalho cada vez melhor, ir aprofundando. Em paralelo, nós fazemos trabalhos para espaços de cultura, para artistas, obras de arte, shows e nesses momentos eu acho essencial e sempre necessário ter uma equipe diversa, e essa diversidade inclui pessoas ouvintes e surdas, para conseguirmos transpor de maneira que faça sentido.

Tem uma frase que é muito importante nas pesquisas de inclusão e acessibilidade atualmente: “Fazer com, e não fazer para”, não fazer para as pessoas, mas fazer com elas, porque

é assim que vamos encontrar novas soluções, novos recursos, novas possibilidades e fazer com que a acessibilidade se torne cada vez mais natural nos espaços, cada vez mais implantada. Não faria sentido ou não seria tão rico, e não seria tão firme, acredito eu, se essas pessoas com deficiência não trabalhassem em conjunto.

6. No seu canal, um dos vídeos mais visualizados é o que você interpreta Nina Simone, inclusive, é o vídeo de abertura. Há também canções de Elis Regina, Emicida e Novos Baianos. Como você escolhe esse repertório? Você atende a pedidos? Há restrições?

Como eu falei, às vezes eu parto das possibilidades na língua de sinais e não na língua que a obra está sendo composta originalmente; tem essa brincadeira. Eu gosto muito de pensar em músicas, em narrativas que tenham algum tema contemporâneo, algum tema que está muito em alta e pode ser trazido dentro dessa perspectiva, e temas que a Comunidade Surda possa se identificar, por exemplo, quando trazemos alguma música que fala de racismo ou antirracismo, está muito em conversa com os temas do capacitismo. Nós estamos falando desses corpos que estão à margem, que são empurrados para a margem. Eu tento trazer músicas que trazem conversas mesmo, conversas entre diferentes comunidades, que façam sentido, que possam fazer alguma provocação em momentos específicos. Em minha pesquisa particular eu gosto de trazer algo assim, e também sempre as coisas que conversam muito comigo, com o meu momento também. Tem momentos que eu estou mais inquieta, então escolho músicas mais agitadas, mais explosivas, tem essa relação.

Sobre as restrições, creio que não há nenhuma de forma prévia. Eu tenho cuidado para não escolher músicas que possuam narrativas, no meu ponto de vista, equivocadas, como músicas misóginas, machistas. Na minha pesquisa pessoal eu tento escolher músicas que façam mais sentido com o meu modo de pensar, mas nada muito específico.

7. E sobre a aceitabilidade da Comunidade Surda? Como você percebe esse *feedback*? Você já teve um retorno? Já conversou com pessoas? As próprias visualizações? Elas são mais de ouvintes ou surdos? Você acredita que as pessoas surdas conseguem entrar no universo musical através dos seus vídeos?

Sim, bastante. É interessante porque as respostas de colegas, parceiros e amigos surdos que eu tenho é justamente essa: a música se torna interessante porque o corpo todo está falando. Não é só a letra que está sendo passada no corpo formal, no corpo parado, têm outras coisas que causam interesse, tem o ritmo, tem dança, a rima na língua de sinais, que faz com que as pessoas surdas se sintam interessadas. Com isso, tem pesquisa na língua de sinais e na Cultura Surda que faz com que muitas pessoas surdas gostem de assistir, de participar. Sempre falamos sobre isso. Tem milhões de pessoas surdas no Brasil, e assim como nós ouvintes temos personalidade diferentes, as pessoas surdas também têm personalidades diversas. Assim como há pessoas surdas que irão adorar ir a shows e sentir vibrações no corpo, como o Bruno Ramos, a Nayara Rodrigues, Catarine, têm muitas pessoas que estão interessadas nessas pesquisas e trabalham na tradução em shows, é muito legal ter esse compartilhamento de interesse. Afinal, como já tratamos, a música não passa somente pelo ouvido, trata sobre sociedade, fala de pessoas, conflitos. É uma ferramenta para comunicar muitas outras coisas, e há pessoas que se identificam e outras não, sejam surdas ou ouvintes.

8. Existem outros aspectos do seu trabalho enquanto intérprete? Qual seria o seu campo de atuação? Existem outras possibilidades?

Eu trabalho como intérprete na área cultural e artística em geral. Todas essas coisas que estão amarradas à música, como teatro, shows ao vivo, interpretações simultâneas de palestras e eventos culturais. Claro que tudo isso enriquece e uma coisa vai agregando conhecimento à outra, gerando vocabulário. Faço interpretação em instituições culturais, palestras de artistas, sou produtora cultural também. Enfim, é nesse circuito de coisas que vou enriquecendo o conhecimento. Eu vejo a interpretação de música como a interpretação de teatro, a poesia visual. Todas essas coisas estão costuradas.

Acredito ser importante dizer que o trabalho, seja com interpretação em Libras ou em outros lugares do pensamento da ação em acessibilidade e inclusão, é um trabalho de transformação de cultura e implantação de novas culturas. Nós precisamos entender como essas coisas se atravessam. Nós vivemos em uma sociedade e em uma cultura que colocam alguns corpos à margem, que cria monoculturas, que busca padronizar e, trabalhar com acessibilidade, sobretudo, é pensar em outras possibilidades de implantação, é pensar que pode nascer várias

coisas do mesmo solo. Ela é viva e precisa se transformar, ser movimentada e todos os trabalhos de inclusão fazem parte disso.

Referências

BRASIL, *Decreto nº 5.626*, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2005.

BRASIL, *Lei nº. 10.436*, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2002.

BRASIL, *Lei nº 14.191*, de 3 de agosto de 2021. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2021.